

**OUTROS OLHARES: OS SILÊNCIOS E AS PALAVRAS EM TEMPOS DE
SECA**

Análise comparativa entre as obras *Vidas Secas* do brasileiro
Graciliano Ramos e *Famintos* do caboverdeano Luís Romano

Eliana Arrivabene Diniz
2005

No alto, Deus olhando para todos, enquanto as chuvas despejavam-se no mar

(Romano, 1975: 52)

1. Introdução

Objetivamos compor uma análise comparativa entre Brasil e Cabo Verde sobre as significações do fenómeno da seca. Para tanto utilizaremos duas obras literárias *Vidas Secas* (1938) do brasileiro Graciliano Ramos, e *Famintos* (1974) do caboverdeano Luís Romano.

Vale abriremos espaço aqui para uma breve consideração sobre nosso objeto de estudo e as dificuldades inerentes a ele. Visando aliarmos a sociologia aos estudos literários é primeiramente imprescindível uma sensibilidade tal que nos auxilie na composição de uma flexibilidade espacial e temporal, rompendo fronteiras, oceanos e a história dos povos, para buscarmos experienciar as obras literárias enquanto arautos de complexas relações sociais e sentimentos humanos, refletindo, sobretudo análises introspectivas de identidade, classe e género que se tornam universais ao ponto que se afirmam como obras de arte abertas a múltiplas interpretações.

No primeiro ponto faremos um breve comentário provocador sobre as diferenças da temática da seca no nordeste brasileiro e em Cabo Verde, situando histórica e espacialmente as obras em nosso contexto pós-colonial.

Em nosso segundo ponto apresentaremos as obras e as personagens principais, destacando a participação feminina e adotaremos como recurso metodológico a sua descrição psicológica (interna e externa) observando quer sua participação ativa enquanto personagem feminina nas histórias com reflexões, aflições, angústia e sonhos, quanto os imaginários masculinos acerca delas.

Nosso terceiro ponto é a conclusão sobre as potencialidades da língua no contexto de pós-colonialidade e de necessidade de emancipação social sobre diversas esferas.

O principal desafio deste artigo é, em boa medida, dar voz às personagens femininas presentes nas obras, propondo-se compor personagens mais concretas para uma subsequente análise sociológica.

2. Traços seleccionados da História de Cabo Verde e do Brasil

Brevemente levantaremos alguns traços da história caboverdeana na intenção de uma melhor compreensão histórica.

Sobre a sua luta pela libertação, destacamos duas passagens discursivas: um primeiro momento onde buscava-se uma igualdade de fato com Portugal, voltando-se sobretudo para seus próprios interesses no que refere-se aos acessos a recursos para combater à seca. Este primeiro momento de defesa de interesses caboverdeanos, porém de não separação, é nomeado de proto-nacionalismo. O segundo momento de discurso é da necessidade de autonomia, acalorada pelo agravamento da seca e pela falta de investimento por parte da metrópole. O PAIGC,¹ na década de 50, sob liderança de Amílcar Cabral, abraça um discurso de independência e esta ocorre de fato somente em 1975.

Nações unidas por uma mesma colonização lusitana, Brasil e Cabo Verde se diferenciam historicamente, pois o primeiro conheceu sua liberdade em 1822. Contudo, a realidade brasileira pós-colonial se mostrou espelhada em uma repulsa ambígua em relação a Portugal, para se afirmar enquanto nação independente, o estado brasileiro nomeadamente na figura do celebre IHGB² historicamente diferenciava-se continuamente e com o passar do tempo tal situação se complexifica com a criação de Brasília e a subsequente marginalização do Rio de Janeiro. Podemos destacar aqui que o nordeste brasileiro aviva uma memória colonial portuguesa e, portanto, parte da privação de políticas governamentais no pós-independência

devem-se em parte por esta ferida oculta onde o estado brasileiro necessita ver permanentemente o fracasso da metrópole lusitana para afirmar seu sucesso.

[...] a literatura brasileira do Nordeste era o desembocar de um processo cultural comum ao Brasil e a Cabo Verde. O Nordeste brasileiro,³ com as suas secas e os seus êxodos, as suas esperanças e as suas frustrações, surgia como um eco longínquo e amplificador dos gritos de revolta que morriam na garganta dos homens das ilhas. Mais que isso, o Nordeste revelava-se aos claridosos como a região onde desabrochou o sistema patriarcal, agrário e escravocrata no Brasil, criando um espaço psicossociológico que foi, tal como em Cabo Verde, o produto da reelaboração de dados culturais provenientes da Europa e da África. (Duarte, 1998: 13)

Cabo-Verde desta forma diferencia-se e se aproxima da realidade brasileira no que tange à questão da seca enquanto fator para uma emancipação, porém enquanto para Cabo Verde esta funcionava⁴ como elemento que auxiliou na luta de independência da metrópole por deixar aparente a fome e miséria que seu povo vivia, a seca para o nordeste deixa clara a ferida colonial e a necessidade de emancipação⁵ de seu passado colonial e deste imaginário do fracasso e sucesso inculcado no estado brasileiro.

Podemos assim, sobre este ponto de vista afirmar que o nordeste brasileiro encontra-se até a atualidade refém de uma chaga colonial que ajuda a lhe justificar a sua exclusão e miséria.

Não pretendemos aqui reduzir as discussões, claro que existem outros fatores operando em conjunto, tanto no processo de independência caboverdeano quanto na exclusão do nordeste brasileiro, todavia este talvez seja um dos silêncios mais gritantes presentes na realidade brasileira pós-colonial.

3. As obras: *Vidas Secas* e *Famintos*

Para abriremos esta investigação, destaquemos três factores explorados por ambos os autores: a) a extrema violência inerente as relações sociais no contexto das secas aliadas a um meio ambiente igualmente hostil e violento; b) o pressuposto dos silêncios das personagens atestando o potencial emancipatório existente na língua quando entendida como capacidade de comunicação interpessoal e espaço vivo de luta de/por poderes; e c) a impassividade das personagens, ou seja, em meio a seca quer no Brasil, ou em Cabo Verde as pessoas lutam e transformam seus cotidianos.

A existência ou a inexistência da linguagem marca as obras de forma incisiva, sinalizando os momentos de brutalidade culminante onde fala quem possui poder e cala-se quem possui somente o seu pensamento como forma de emancipação. A obra assim emerge destas cenas e histórias trazendo consigo a proposta de contar todos os diálogos presentes inclusive os não falados.

A fome ou o medo da fome torna-se central nos dois romances como principal efeito da seca e como elemento crucial no desenrolar das relações interpessoais e afetivas. Destacamos a constante modificação das ações das personagens que no desespero se brutalizam e cometem atrocidades conscientes de sua condição subalterna.

Temos aí uma diferença psicológica nas personagens: os pobres justificam sua brutalidade pela sua condição de miséria e nos ricos subentende-se a violência e brutalidade enquanto parte constitutiva de suas personalidades, atestando a carência de um estado forte enquanto protetor dos oprimidos e defensor da lei.

Vidas Secas de Graciliano Ramos

Vidas secas é um clássico moderno da literatura realista brasileira, composto por capítulos autônomos e complementares. Tornou-se um marco na literatura sendo transformado em filme e fazendo parte das listas de leitura básica das mais concorridas provas de acesso às universidades brasileiras.

É sem sobra de dúvidas o livro mais popular do autor e conta a história de uma família de retirantes nordestinos, que migra para o sul ou sudeste do Brasil por causa da seca. A família é constituída por Fabiano o pai, Sinhá Vitória a mãe, a cachorra Baleia, um papagaio que é comido logo no começo da narrativa, e dois filhos do casal: o menino mais novo e o menino mais velho, respectivamente.

A história se passa na caatinga nordestina (zona de clima árido), transporta o leitor para um cenário de seca onde, entre ossadas e urubus, uma família de retirantes se desloca faminta e sedenta em busca de um lugar para viver e acaba por se estabelecer em uma fazenda abandonada. Com o período das chuvas, o dono retorna e passa a cobrar-lhes trabalhos para estarem nas terras, instaura-se assim um regime de semi-servidão rural onde eles nunca conseguiriam pagar as suas contas e economizar o capital necessário para adquirirem bens.

O contato das personagens com o mundo exterior é marcado pela incompreensão e medo. Fabiano é preso injustamente por um soldado amarelo que, simbolicamente na obra, sintetiza a idéia do estado injusto que não representa os interesses do povo. A personagem é lesada toda vez que estabelece contato com o mundo externo à fazenda.

A percepção da negação ao acesso à cidadania na obra, torna-se perversa, pois ao mesmo tempo em que as personagens sabem que algo lhes falta ou que as agressões que sofriam eram arbitrárias e abusivas, interiorizam um sentimento de inferioridade e esperam ou pressupõem antes de mais nada preconceito das outras pessoas. Fabiano e sua família na narrativa sempre estão em uma posição defensiva.

A linguagem torna-se um elemento central na obra, mais do que simplesmente desconhecer palavras, as personagens não se identificavam com seus sentidos e aí temos uma crítica feroz do autor ao estado brasileiro.

Assim, a linguagem torna-se um bem precioso de contestação de direitos e ao mesmo tempo de ruína quando usada de forma errada, deste ponto podemos

identificar o “medo de falar” que Fabiano possuía por não dominar os significados das palavras.

Aqui podemos incluir dois elementos cruciais na obra, o papagaio mudo que é comido pela família no primeiro capítulo e o Sr. Tomás da Bolandeira que era o único letrado conhecido, pobre, porém, capaz de “falar difícil” e atacar quem lhe agredia.

O papagaio era mudo, não somente porque eles desconheciam as palavras, mas porque falar era um benefício para poucos. À família restava um mundo compreendido nos limites da fazenda, onde eles podiam viver sob os olhares do patrão.

Uma das passagens mais comoventes do livro é quando as crianças se dão conta que o mundo podia ser cheio de palavras com significados e que seus pais desconheciam e elas também desconheciam:

Sim, com certeza as preciosidades que se exibiam nos altares da igreja e das prateleiras das lojas tinham nomes. Puseram-se a discutir a questão intrincada. Como podiam os homens guardarem tantas palavras? Era impossível, ninguém conservaria tão grande soma de conhecimentos. Livres dos nomes, as coisas ficavam distantes, misteriosas. Não tinham sido feitas por gente. E os indivíduos que mexiam nelas cometiam imprudência. Vistas de longe, eram bonitas. Admirados e medrosos, falavam baixo para não desencadear as forças estranhas que elas por ventura encerrassem (Ramos, 1980: 84)

Abriremos aqui um espaço para explicar porque as crianças não tinham nome, sendo tratadas somente por menino mais novo e menino mais velho, podemos atribuir à dificuldade de nomear que os pais possuíam por não saberem as palavras, aliado a isso temos um costume nordestino proveniente da alta taxa de mortalidade infantil, que é baptizar os filhos somente após alguns anos de vida para não se apegarem a elas uma vez que morriam muito pequenas.

Desta forma, ao mesmo tempo em que podemos incluir a dificuldade de nomear ou a impossibilidade de nomear o mundo (inclusive os nomes dos filhos), mais do que isso estava a necessidade de não se apegar à criança e em nenhum momento eles passaram a ter nomes o que de fato faz-nos pensar que seus pais não sabiam ou se questionavam se eles sobreviveriam à migração.

A cachorra Baleia é a segunda personagem feminina da narrativa sabendo comunicar-se com o restante do grupo, por ser um “bicho” como Fabiano e por possuir a vital tarefa de procurar e matar preás quando a fome do grupo apertava, era a grande salvadora do futuro da família garantindo alimentação precária nas horas mais difíceis, reinventando a vida.

Fabiano e a família circunscrita ao mundo da fazenda se identificam mais com os animais e é entre eles que conseguem se sentir libertos, porém ele conclui e ao mesmo tempo almeja ser como o Sr. Tomás da Bolandeira que era um homem de verdade capaz de responder violentamente à aqueles que lhe oprimiam.

A narrativa termina com uma promessa de futuro para o grupo se fosse capaz de se manter vivo e agora sem Baleia, que tinha morrido, para ajudar a procurar comida.

***Famintos* de Luís Romano**

Famintos é uma obra literária realista caboverdeana que teve influência de Graciliano Ramos, ou ainda, do pensamento brasileiro sobre a seca nordestina. Podemos identificar uma série de recursos de estilo que são parecidos entre os autores.

Em uma linguagem envolvente, Luís Romano cria uma narrativa composta por histórias de personagens diferentes e complementares que habitam no mesmo espaço e tempo, dividindo as angústias da seca e as questões próprias a ela.

Um recurso poético do autor foi apelidar a ilha da narrativa como “ilha sem nome”, conferindo um objetivo implícito de serem aquelas as histórias de todas ou

de nenhuma das ilhas de Cabo Verde, talvez fosse essa a crítica de denunciar a realidade de todas, porém uma realidade que não devia pertencer a nenhuma delas. Ainda aqui podemos pensar que se essas eram as histórias de todas as ilhas, o destino de Cabo Verde estava igualmente unido na seca.

A questão da emigração é impulsionada, sobretudo sobre a temática da aridez do clima, pequenez do território, abandono e seca. O autor dedica um capítulo para os caboverdeanos que emigravam “contratados”.

Um elemento interessante é que os indivíduos que retornam recebem alcunhas dos lugares para onde emigraram e tornam-se: o americano, o brasileiro, o argentino e etc...

Uma vez retornando a Cabo Verde, estes indivíduos encontram um momento de seca, paulatinamente perdem seu poder financeiro e se brutalizam como os demais frente a realidade hostil.

4. Análise das obras em conjunto

O mar torna-se um lócus privilegiado para a compreensão do povo caboverdeano, ao mesmo tempo em que significa um desejo por felicidade e findar o isolamento ilhéu “[...] seu corpo é prisioneiro nos limites da Ilha”⁶ é para ele que o vento empurra as nuvens com chuva para o mar.

Gotas do tamanho de bosta de cabrito caíam ruidosamente para serem levadas na direcção do mar pelo vento leste. (Romano, 1975: 24)

Deus estendia sua protecção sobre as gentes, observando as cenas da multidão; emudecido; as águas caindo no mar, não muito longe da terra (Romano, 1975: 52)

A migração é, portanto um elemento vital para estabelecermos um paralelo entre as obras, em *Famintos* as personagens estavam presas na “ilha sem nome” e com a desumanização das relações mesmo privadas funcionaria como estopim para a emigração. Já em *Vidas Secas*, destacamos duas interpretações possíveis: a) que em meio a uma realidade violenta, o silêncio das personagens funcionava como um espaço de liberdade da mente, no limite, da agressão, a fuga é o maior ato de libertação que eles poderiam ter; b) que a fuga era uma reação ao sertão que expulsa, que não integra e segrega as populações, menos que um estopim para mudança era um partir para o lugar desconhecido somente com a esperança que ele seja melhor.

A passagem de *Vidas Secas* ilustra bem a idealização deste espaço de fuga ou libertação, que exatamente “porque não sabia como ela era nem onde era” trazia em si as esperanças que condensavam todo o sofrimento ou a dimensão sacrificial do êxodo do campo para a cidade, do nordeste para o sul ou ainda do atraso para o progresso.

Fabiano estava contente e acreditava nessa terra, porque não sabia como ela era nem onde era. Repetia docilmente as palavras de sinhá Vitória, as palavras que sinhá Vitória murmurava porque tinha confiança nele. E andavam para o sul, metidos naquele sonho. Uma cidade grande, cheia de pessoas fortes. Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias. Eles dois velhinhos, acabando-se como uns cachorros, inúteis, acabando-se como Baleia. Que iriam fazer? Retardaram-se temerosos. Chegariam a uma terra desconhecida e civilizada, ficariam presos nela. E o sertão continuaria a mandar gente para lá. O sertão mandaria para a cidade homens fortes, brutos, como Fabiano, sinhá Vitória e os dois meninos (Ramos, 1980: 126)

A migração transformava-se em desespero, porque ninguém queria morrer como alimária, desfazendo-se nas lombas, ou, ser pasto de cães nas covoadas (Romano, 1975: 28)

Na mesma passagem de *Vidas Secas*, identificamos a inadequação das personagens que lutaram e se sacrificaram pelo futuro de seus filhos, à nova realidade onde eles seriam inúteis. Demonstrando a sua incapacidade de permanência no local de origem ou na situação de origem e incapacidade de adequação ao local de chegada por mais que idealizado, as personagens têm consciência disso logo à princípio.

A obra *Famintos* também explora esse espaço idealizado de chegada, através da temática dos indivíduos que eram “contratados” para serviços no exterior e que seguindo promessas acabavam por se sujeitar a uma série de obrigações servis que lhes conferiam dívidas intermináveis, vivendo e trabalhando em condições tão miseráveis quanto aquelas que já conheciam.

[...] E eram sonhos onde apareciam mares imensos, repletos de comida. As cascas de banana, eram notas de dez mil réis que o Maninho (personagem) ajuntara febrilmente, para o regresso, quando terminasse o contrato. Os meninos fantasiavam cavalinhos correndo sobre as nuvens, abrindo portas monstras onde a comida era tão abundante que se escoava para o mar.

Os mesmos sonhos; anseios idênticos martelando aqueles cérebros encandecidos de promessas. A mesma febre a preparação para uma brusca mudança de pátria. (Romano, 1975: 261)

De forma extremamente poética, o autor apelida o barco que leva os caboverdeanos da ilha-sem-nome de Navio Negreiro⁷ fazendo clara alusão à situação onde os indivíduos eram vítimas de exploração, mesmo em condições de miséria extrema, em um sistema que se alimentava dos “fragmentos de um povo”.

Navio-negreiro, levava fragmentos de um povo, que preterido na terra natal emigrava contratado, para onde houvesse um bocado de comida. O essencial era o afastamento daquela ilha-sem-nome, onde o crioulo de pés-descalços, de forma nenhuma tinha a esperança de escapar. Em cada pai de família, palpitava uma confusão de projetos, com o fito de, mais alguns anos, regressar e fincar os pés na sua terra, quando as chuvas voltassem, para viver e morrer tranquilo. (Romano, 1975: 271)

A temática da saudade é muito explorada por Romano, porém não é tão visível na obra de Ramos.

Em *Vidas Secas*, como já foi dito, as personagens se sentiam deslocadas não pertencendo a nenhum lugar, talvez por isso não tivessem propriamente saudades, mas o anseio ou a esperança de um dia virem a criar raízes em algum lugar. No entanto, a saudade sempre foi um elemento a mais no imaginário do nordestino migrante que deixa sua terra em busca de condições de vida melhores no sul e sempre espera a chuva vir para voltar, e com a seca ter que migrar novamente... pois no fundo ele não quer deixar a sua terra.

Podemos identificar esse elemento numa das músicas que consagrou o ritmo nordestino do baião e tornou-se parte do imaginário brasileiro sobre a seca na voz de Luiz Gonzaga:

ASA BRANCA

Quando olhei a terra ardendo
Qual fogueira de São João
Eu perguntei a Deus do céu, ai
Por que tamanha judiação

Que braseiro, que fornalha
Nem um pé de plantação
Por falta d'água perdi meu gado

Morreu de sede meu alazão

Até mesmo o asa branca
Bateu asas do sertão
Então eu disse adeus Rosinha
Guarda contigo meu coração

Quando o verde dos teus olhos.

Se espalhar na plantação
Eu te asseguro não chores não, viu
Que eu voltarei, viu meu coração.
(Composição: Luiz Gonzaga / Humberto Teixeira)

A temática da saudade para Romano é muito parecida à música Asa Branca, o caboverdeano emigra e quando enriquece volta para sua terra, no entanto, se depara com uma condição de vida difícil e acaba por tornar-se miserável novamente: “Saudade dá cabo da criatura e marca destino. É minha ilha, mesmo sem nada.” (Romano, 1975: 307)

Destacamos também que os imigrantes/migrantes partem com sonhos e regressam com mais sonhos, ao ponto de Romano sugerir a interpretação de que a saudade faz com que as pessoas esqueçam como era suas vidas antes de terem saído para terras distantes. Ou ainda, resgatando a noção de impassividade humana frente à realidade hostil presente nos dois autores, as pessoas por mais que saibam das dificuldades por as terem vivenciado retornam por serem donas de suas vidas e de seus destinos, por escolherem lutar.

O caboverdeano, igualmente ao nordestino brasileiro, não consegue lidar com a saudade e para Romano em certa passagem, somente com a educação as crianças seriam capazes de tornarem-se homens fortes que superariam o legado de crenças providenciais e milagreiras que os pais lhes atribuíram para explicar o mundo e uma vez emigrando ultrapassariam a saudade para vencer na vida.

Destacando os diálogos entre o estudante que migra para o “sul”, cartograficamente o Brasil, traz interpretação de que o estudo funcionava enquanto forma de ascensão social e saída da ilha que prendia as pessoas à seca e a miséria. Em certa passagem o interlocutor do estudante chega mesmo a dizer para ele quando sair, não olhar para trás, não escrever cartas e esquecer de Cabo Verde.

Desta forma temos uma dupla interpretação muito interessante, do retorno a terra depois da migração como um desafio à própria sorte próprio da humanidade que não aceita destinos traçados, como um ato de luta e um ato de desespero na saudade, por outro lado a partida do estudante com a missão de superar a saudade e vencer na vida esquecendo aquele Cabo Verde.

Claramente trata-se de uma metáfora da conservação da situação de miséria e abandono, onde mesmo aqueles que vêem novos mundos, por mais que desafiem o ambiente e a história são engolidos pela seca que no fundo simboliza todo um estar de coisas que tende a reprodução na história. Contudo, ao projetar a salvação da juventude (do futuro) através da migração para o “sul”, para o Brasil, temos a necessidade de Cabo Verde direcionar-se para o exemplo do Brasil enquanto país de progresso e liberdade, superando as amarras de seu passado colonial.

Rumar sem olhar para trás, nunca mais sentir saudades ou se deixar levar por um passado que lhe agride e aleija. O que *Famintos* de fato propõe é que se conte uma nova história, dessa vez caboverdeana.

A utilização da seca no nordeste brasileiro para fins políticos é uma das grandes temáticas de denuncia da realidade nordestina onde o povo é tido como “gado” inculto e dócil, facilmente manobrável que vende seu voto por um saco de farinha ou uma dentadura e permitindo a manutenção da elite latifundiária no poder político.

As nossas atitudes de “civilizados” diante dos “pátrias da civilização” - como Paternostro chama os sertanejos - são ambivalentes- Ora, revelamos um máximo de simpatia, ora mostramos um mínimo de compreensão.

(Fernandes, 1979: 125)

Romano reitera sua indignação quando se refere às pessoas, acredito que se tratam dos turistas e dos governantes da metrópole, que vêem a seca e os seus efeitos no povo como se estivessem vendo uma apresentação de circo sem sensibilidade ou interesse.

O autor ainda questiona a riqueza, descaso e indiferença da metrópole contrastando explicitamente com a pobreza do povo. Onde as cozinhas coloniais fartas, no texto, são o símbolo da transferência de riqueza para Portugal.

Que ninguém abria os olhos da consciência para impedir o sacrifício de centenas de encurralados na própria desdita, unicamente obcecados pelo desejo natural de viver. Que a gente fina, distante, ia vê-los, como se tratasse de espetáculo de circo, em que imensas vidas representavam a farsa pungente de miséria escondida das secas. Sim. Que aquilo era uma farsa perfeita para entreter um público sem capacidade de dar valor a uma vida humana... Como isso poderia ser - Fome! - se a mesa o numero dos pratos variava com a classe dos vinhos, e as iguarias exalavam o aroma característico das cozinhas coloniais? (Romano, 1975: 268)

5. Olhar feminino das e sobre as personagens femininas

Entre os lagos

Esperei-te do nascer ao pôr do sol

e não vinhas, amado.

Mudaram de cor as tranças do meu cabelo

e não vinhas, amado.

Limpei a casa, o cercado
fui enchendo de milho o silo maior do terreiro
balancei ao vento a cabaça da manteiga
e não vinhas, amado.
Chamei os bois pelo nome
todo me responderam, amado.
Só tua voz se perdeu, amado,
para lá da curva do rio
depois da montanha sagrada
entre os lagos.
(Ana Paula Tavares)

Nas duas narrativas, as mulheres são as detentoras de sonhos e de esperança auxiliando suas famílias a prosseguirem na luta. Elas são em boa medida as mais silenciosas das personagens e também as mais reflexivas e portadoras de respostas que resumem situações.

Lonjura do caminho... as gentes que moravam na ourela dos caminhos erguiam-se imediatamente para vêr as caravanas, os silhuetas ou os pardais, velhas que traziam ao colo crianças reduzidas a ossos, que sorriam, dementes; mães com os seios pendidos como badalos, de onde os pequenitos, em vão, procuravam uma gota de leite inexistente, e, num agoiro, os gemidos d´alguém que rendia a vida (Romano, 1975: 28).

Mãe ficava triste porque nada possuía com que aliviasse o sofrer do filho, finalmente queria a mão para acalantar o miúdo que se esfriava aos poucos e, inquieta, apertava-a contra o ventre na esperança de o aquecer.
(Romano, 1975: 116)

Fabiano exaltava-se, procurava incutir-lhe coragem. Inventava o bebedouro, descrevia-o, mentia sem saber que estava mentindo. E sinha Vitoria excitava-se, transmitia-lhe esperanças. (Ramos, 1980: 123)

As mulheres reinventam a vida em meio à destruição, miséria e abandono da seca, destacamos as passagens em *Famintos* quando a mãe que já não possui lágrimas para chorar ouve atenta às perguntas do filho e responde à morte trazendo à tona a humanidade das pessoas que estavam mortas, incutindo-lhes novamente o elemento humano.

A cadela Baleia em *Vidas Secas* era a única fonte permanente de comida da família, a única capaz de caçar quando a fome apertava, e que mesmo quando estava morrendo imaginava “um céu” (vale abrir um espaço para a consideração que Baleia era uma personagem importante na narrativa como qualquer outra, pois ela também tinha o direito de sonhar com um céu) cheio de preás que ela caçaria para matar a fome de sua família.

Em uma das passagens mais belas de *Vidas Secas*, Sinhá Vitória descreve o futuro de seus filhos indo contra a determinação da caatinga onde seu marido, o pai e o avô foram todos vaqueiros e explorados.

Vaquejar, que ideia! Chegariam a uma terra distante, esqueceriam a caatinga onde havia montes baixos, cascalhos, rios secos, espinho, urubus, bichos morrendo, gente morrendo. Não voltariam nunca mais, resistiriam a saudade que ataca os sertanejos na mata. Então eles eram bois para morrer tristes por falta de espinhos? Fixar-se-iam muito longe, adotariam costumes diferentes. (Ramos, 1980: 122)

E talvez esse lugar para onde iam fosse melhor que os outros onde tinham estado. Fabiano estirou o beijo, duvidando. Sinhá Vitoria combateu a dúvida. Porque não haveriam de ser gente, possuir uma cama igual a de seu Tomas da bolandeira? Fabiano franziu a testa: lá vinham os despropósitos. Sinhá Vitoria insistiu e dominou-o. Porque haveriam de ser sempre desgraçados, fugindo no mato como bichos?... Podiam viver escondidos como bichos? (Ramos, 1980: 12)

O principal desejo da personagem sinha Vitoria em *Vidas Secas* é uma cama de couro que significava a permanência em um lugar, ou criar raízes, uma vez que eles possuíam somente camas de varas, pois não poderiam carregar a cama de couro em suas migrações.

A brutalidade das situações também é objeto dos autores e sobre as mulheres aparece na temática da violação ou da prostituição como forma para conseguir comida, principalmente em *Famintos*.

Em *Famintos* a principal temática é do desmoronamento das relações sociais que desumanizam as pessoas, destroem valores e expandem a ruína até mesmo ao espaço privado.

A venda das virgindades das filhas é um tema delicado explorado pelo autor, que em uma série de descrições que nos faz imaginar se eram baseadas em fatos reais, que retratam uma situação limite onde a virgindade feminina é considerada um bem passível de venda, apesar de haver revoltas, nunca existe uma exigência de justiça de fato contra os comerciantes que compravam as virgindades.

Só ficaram no beco duas moças que se encostaram na pedra grande, falando em voz baixa. Farol [*personagem*] aproximou-se, um sorriso de engodo, oferecendo: - Tenho um resto para vocês, vem Justina. E pegou-lhe num braço, a convencer-lhe. Justina não teve coragem de fitar o coxo. Levantou-se e foi receber a esmola, o homem no encalço encaminhando-a para dentro do cercado que dava para o canavial. No fundo do rego, a moça entregou-se-lhe sem resistência numa fatalidade.

O coxo, saciado, ergueu-se, por fim, meio espantado: - Eu pensava que já não tinhas cabaço, menina! - A limpar o membro ainda banhado de sangue nas fraldas da camisa.

Justina saiu da horta, a cara para o chão. O prato de comida que levava seguro era para o pai que agonizava no casebre e já não tinha ânimo para se levantar.

Farol ficou na ombreira do portão: - Amanhã podem voltar. Fico esperando Cochinha e apontava para a mais jovem.... Chegadas ao casebre... a filha encostou-lhe [do pai] a cabeça no peito e meteu-lhe colheradas de caldo de milho... Justina encostou a porta e espalhou os farrapos que lhe serviam de enxerga; aos poucos, como um embregado o pai adormeceu, a cabeça apoiada no regaço da filha, que cheirava a esperma. (Romano, 1975: 126)

O abuso sexual de mulheres é denunciado como prática generalizada na obra, realizada por todos aqueles que possuíam renda e destacamos a afirmação de dois comerciantes ao definirem o momento da seca enquanto: "Boa colheita de cabaços" (Romano, 1975: 45). E narra a história de uma menina, aqui entendida como criança, que foi violada por um padre em plena Igreja e a população nem ao menos reagiu ao ato, o que denota o cotidiano da agressão nas vidas das pessoas, que se tornam insensíveis e consideram aquilo algo "normal" ou "aceitável". A criança acaba por viver como amante de seu agressor, fato que também é aceito, e por fim se prostitui.

Uma vez menina-nova entrou na Sé e ficou de joelho confessando os seus pecados. O pregador deixou que ela falasse e, depois, meteu-lhe a mão por debaixo da roupa.... então como um bode serviu-se do cabaço dela. Como era macho mesmo, estrompou a coitadinha, num mar de sangue, de gritos e corrida para fora da Casa de Deus, berrando que nem cabra que tivesse sido queimada com água quente no úbere. Povo juntou como se fosse formiga. Um Dona teve ataque e foi preciso chamar doutor. Pois bem, ainda apareceu criatura que disse que a moça não devia ter feito todo aquele banzé porque pregador era a primeira pessoa de Cristo na terra. Aquela menina viveu assustada durante umas semanas para depois passar a dormir com o pregador e por fim acabar na vida de "mocrata" [*prostituta*], cheia de moléstias do mundo, igual a uma cadela. (Romano, 1975: 183)

Ainda sobre a venda da virgindade, os comerciantes são os principais alvos de Romano na obra, eles compram as virgindades por cinquenta réis e tratam “suas meninas” como proprietários. Para além de comprarem as virgindades, a humilhação contra a mulher é tão forte que o homem passa a se sentir proprietário dela e se acaso ficasse grávida, seria abandonada à sua sorte com a criança.

Completa com a afirmação revoltante: “[...]essa gente tem uma facilidade em se emprenhar que até assusta” (Romano, 1975: 45).

As crianças também eram alvo de violação, porém em certa passagem as meninas tinham relações sexuais com qualquer pessoa somente para não pensarem na fome e não mais com o intuito de conseguir dinheiro.

O Cólera é também um dos efeitos perversos da falta de estrutura básica de saúde e o autor escreve sobre a brutalidade a que as pessoas eram submetidas e transformadas frente a aquela doença. Destaca ainda a pressão social sobre as mulheres, quando estas ficavam doentes, pois passam a se comportar de forma inadequada aos padrões da sociedade e essa é de fato uma perversidade presente na obra, mesmo o autor parece cobrar uma “reação socialmente desejável” mais inflexível às mulheres doentes, que aos homens.

[...] as mulheres faziam as coisas ao pé de qualquer pessoa, abriam as pernas e abandonavam-se aos martírios da moléstia. Depois metiam as saias pelas coxas adentro secavam o resto da urina que ficara nos cabelos do sexo.

[...]

havia menina nova que já tinha vergonha de gente de mais idade; o menstruo, em linhas, pelas pernas até os calcanhares; a roupa rasgando-se para revelar o que atraía o mosquedo. Havia menina-nova que já não podia andar e ficava estirada no caminho, em trejeitos, a marcar como

posto de sacrifício o êxodo daquele drama que endoidecia a multidão por causa das secas. (Romano, 1975: 26-28)

A principal personagem feminina a ser destacada na obra *Famintos* é Rosenda, cujo pai emigra para os Estados Unidos e recebe portanto a alcunha de Americano. Com o passar da seca, este vai perdendo os bens adquiridos, a ponto de vender as telhas da casa, para suprir a falta de comida.

[...] [Ana a mãe] os olhos se enchiam de lágrima, não disse palavra e levou a ponta do avental ao rosto para esconder o desconsolo, porque casa sem cobertura é como curral sem coima onde entra e sai quem quiser, é lugar sem respeito (Romano, 1975: 34)

O pai decide então trabalhar, mas a mãe é acometida pelo Cólera e a filha então tem de ir esmolar para garantir a alimentação mínima da família. Obviamente a prostituição de Rosenda era mera questão de tempo e com o passar dele ela vai se desfazendo de suas convicções e de valores identitários.

Rosenda trabalha num transporte de milho e por causa da fome come parte do carregamento, como punição apanhou de chicote de um policial e perdeu os sentidos, ao acordar declara que este mesmo homem havia tentado violá-la, mas que sua virgindade pertencia a um moço que havia emigrado de Cabo Verde.

O pai dela é a todo o momento indagado sobre a justificação para a sua permanência em Cabo Verde e a filha acaba por migrar para a ilha-da-cidade onde torna-se prostituta e com o dinheiro consegue manter os pais na ilha-sem-nome, ao retornar fica grávida e ao dar a luz tem o filho devorado por cães famintos.

A violação também está presente na passagem dos “contratados” que emigram, partindo juntos homens e mulheres. Em meio a dois meses de viagem, as mulheres tornam-se vítimas de violações por parte dos marinheiros brancos.

Enquanto os homens somente perceberam o engodo de seus sonhos no porto de destino, elas perderam as esperanças e os sonhos já durante a viagem. Ressaltamos ainda que elas iam com o intuito de enriquecer e enviar o dinheiro para suas famílias, portanto, torna-se evidente que os pais sabiam que as filhas estariam à mercê de agressões e violações, ser mulher em *Famintos* é ser, sobretudo sozinha, onde a família já não existe como espaço de proteção.

No porão fazia escuro e só se ouvia o arfar das caldeiras. Um braço envolveu a cintura da moça, o marinheiro suspendeu-a e levou-a para o corredor, sumindo-se. O barulho do barco abrindo o mar e o ruído da casa das máquinas que ficava mesmo contíguo, amorteceram os gritos que ela soltou ao ser deflorada por quem não conhecia... perante a força daquele bruto que cheirava a vinho, não pode opor nenhuma resistência... Sozinha reconstituiu o desenrolar daquela desgraça, perguntando mentalmente: - E a palavra que dera a Machinho, o noivo com quem fizera o juramento? Só desejava ser de quem ela queria. O Branco amaldiçoado tirara aquilo que reservava para Machinho e que estava para vir noutra remessa. (Romano, 1975: 276)

E a passagem que melhor destaca a forma como os homens viam a situação em Cabo Verde e as suas mulheres:

Ao pé do corredor, na face do canto que desembocava para o curral, os homens, de pé, metiam um espetinho nos dentes, sem saber o que fazer. Viam suas famílias, de hora para hora, mais enfraquecidas. As mulheres em pele e osso, as crianças berrando sem parar e os velhos dormindo para enganar as câibras do estômago. Sabiam que nas hortas a rataria continuava destruindo os últimos cordelos no batatal (Romano, 1975: 24)

6. Conclusão

Recado

Actuo à noite no meu cubículo
de duas janelas e uma porta.
De dia quando o sol vai alta
coloco-me na beira da estrada
aonde espero há anos.

Confundiram o meu caminho
e não aprendi qual o meu Norte!
Rio-me em risos alheios
mergulho-me em abraços
que não são meus,
ouço e digo coisas
desconhecidas e não sentidas.
Vivo vegetando
em companhias decadentes
dou-me numa pura abstracção
e gero na mais completa solidão

O tempo acumula-se
À volta dos meus olhos pisados
e nas curvas do meu corpo
cansado e utilizado.
Sou uma peça da engrenagem
uma vez sentada
sobre a minha sensibilidade.

Porém a esperança
habita em meu peito,
segura-me quando sou atropelada
e mantém-me na beira da estrada
aonde permaneço e espero
a oportunidade de ser eu-mesma.
(Alzira Cabral)

Contudo, se pensarmos de forma realmente crítica sobre aquilo que os autores escrevem sobre as mulheres (imaginadas ou baseadas em pessoas reais) de certa forma não foge daquilo que resume “os lugares” das mulheres e dos homens nas diferentes sociedades. Por mais que elas resumam as situações através da fala ou do pensamento, sejam capazes de traduzir sentimentos ou apontar futuros imaginários, nunca elas são protagonistas de fato nas narrativas.

Assim, por mais história de *Vidas Secas* possua capítulos inteiros dedicados a Sinhá Vitória e Baleia, é sempre Fabiano quem sai da fazenda para a cidade, é sempre ele quem enfrenta o desconhecido. Essa situação “feminina por excelência”, de imaginar o que existe para além das cercas da fazenda e rezar para seu homem voltar a salvo, é a mesma em *Famintos* quando os ciclos de emigração são compostos majoritariamente por homens e a elas cabe apenas o esperar nos limites das ilhas e imaginar respostas que justifiquem a ida deles.

Presas em um espaço doméstico imaginado, esse saber dito masculino do que é esse desconhecido exterior alimenta e reforça a idéia de que elas são mais frágeis e que a moral, ou ainda o espaço da casa, é o único espaço feminino tornando-se um lócus para a reprodução de um modelo de sociedade patriarcal. Talvez o choque que sentimos com essas narrativas seja na verdade fruto da reação masculina a uma agressão à casa caboverdeana, ou ainda a inexistência da casa nordestina retirante.

De acordo com Graciliano Ramos, Sinhá Vitória se sente menos mulher que as outras por não ter uma cama de couro como a do Sr. Tomás da Bolandeira e nem carnes fartas pela fome, que implicitamente contém a idéia de que seria plenamente feliz se criasse raízes em um lugar, construísse uma casa e nela vivesse com seus filhos fartamente.

Em boa medida, nas duas narrativas há uma distorção das coisas (na figura da seca) que desestabiliza um tipo de sociedade patriarcal e para ambos os autores as mulheres se ressentiam da falta desses parâmetros de ação ou conduta social.

Ao mesmo tempo podemos pensar mais profundamente sobre o significado da saudade, neste contexto de seca, que nos homens era a vontade de voltar. Porque voltar? Talvez voltar para um primeiro estado de coisas, a permanência em um lugar distante significaria levar a mulher e a família junto, significaria destruir a casa e permitir que a mulher conhecesse e lutasse junto com ele contra o tal desconhecido rumo a uma casa diferente.

Depois da migração conjunta, em ambos os autores há a sensação de que nunca mais as coisas seriam do mesmo jeito. Aí voltavam, os homens sozinhos de Romano, para a casa mesmo sabendo que a seca viria, era melhor enfrentá-la a perder aquela casa que tanto aprenderam a amar e venerar.

No caso dos retirantes nordestinos essa questão também se coloca, pois na grande maioria das vezes eram os homens que migravam para o Sul na esperança de mandar dinheiro para a casa e depois retornarem, o que acontecia é que muitos preferiam formar novas famílias a trazerem suas companheiras do nordeste, o caso de *Vidas Secas* não é a regra e talvez por isso seja o estopim para essa conclusão. As mulheres não saem da casa, via de regra.

Uma questão crucial é: Até que ponto essas duas narrativas dizem respeito ao pensamento destas mulheres?

Ao mesmo tempo, se ampliarmos ainda mais a perspectiva analítica a partir desse sentimento (a seca) que incomoda e fragiliza os homens ou a ordem social privada, que destrói a casa e ao mesmo tempo destrói a figura materna ou da virgem no alto da torre, pode conter nas entrelinhas um espaço de libertação uma vez que por mais que sofressem violências (que nas narrativas também reforçam a idéia da necessidade do amparo da casa por elas serem frágeis) seus limites se ampliavam e essas mulheres destituídas de “valores” e arrasadas pelas secas eram na verdade mulheres que não tinham mais sobre si, ou até mesmo não podiam mais ter, a

exemplo das virgens que vendiam suas virgindades por comida, a obrigação de serem aquilo que a sociedade lhes destinava como futuro aceitável.

Donas dos seus destinos e de seus corpos escolhiam seus caminhos e passavam a encarar o desconhecido antes proibido pelos homens. O desconhecido não seria mais um motivo de chantagem para mantê-las presas, com a seca ele entra casa adentro. Sinhá Vitória conseguiria viver em uma casa? Não se sentiria presa? Qual seria a história que contaria sobre a seca? Como seria seu relacionamento com o marido e os filhos nessa casa imaginária?

Podemos ainda pensar sobre a nossa hipótese da necessidade masculina ou de manutenção da casa expressa na saudade e na vontade do retorno. Contudo, as mulheres mesmo não tendo emigrado com seus maridos também se modificam durante o período em que eles estiveram ausentes e por serem forçadas a tomarem decisões sobre suas vidas e de seus filhos.

A partir daquele momento, elas que se mantiveram em suas casas passam a ter uma nova percepção sobre si mesmas fruto dessa necessidade de realizar as atividades “masculinas”, elas também enfrentam o desconhecido e se modificam com ele. Como seria o relacionamento dessas mulheres com os seus maridos quando estes retornassem? Aceitariam a idéia de que não poderiam fazer determinadas coisas por serem frágeis ou porque deveriam permanecer no espaço doméstico cuidando dos filhos?

Uma outra possível interpretação decorrente dessas conclusões é de que a imaginação sobre o futuro dos filhos de Sinhá Vitória ocorre quando eles recomeçam a migrar, ou seja, quando seus horizontes se ampliam e ela pode por fim decidir e ser ouvida sobre o futuro deles espelhando talvez um futuro que almejava para si.

Pois com a seca e a ausência de seus homens, fora/dentro das casas elas poderiam ser quem quisessem ser, fora/dentro das casas seus maridos deviam ser os companheiros, fora/dentro da casa elas decidiam e reinventavam a vida.

¹ Partido Africano para Independência de Guiné e Cabo Verde.

² Sobre proteção do Imperador Dom Pedro I, em 1839 é fundado no Rio de Janeiro o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tendo por principais objetivos coligir, catalogar, armazenar e metodizar os documentos necessários para a composição de uma história e geografia brasileira. Sobre um discurso de apologia das ciências para a formação de uma nação iluminada tomando a elite nacional como guias e o exemplo francês como ideal, diferenciando-se de Portugal e ao mesmo tempo afirmando-se como seu verdadeiro herdeiro.

³ Duarte, Dulce Almada. *Literatura e Identidade: Uma Abordagem Sociocultural* in Revista Cultura, Cabo Verde: Nor print, n. 2, Julho/1998.

⁴ Amílcar Cabral escreve : "A luta de libertação é, acima de tudo, um acto de cultura", "Para que a cultura desempenhe o papel que lhe cabe no movimento de libertação, este deve estabelecer com precisão os objectivos a atingir para que o povo que representa e dirige reconquiste o direito a ter a sua própria história e a dispor livremente das suas forças de produção, com vistas ao desenvolvimento ulterior de uma cultura mais rica, profunda, nacional, científica e universal" (Cabral, Amílcar. *Obras escolhidas*. Lisboa, Seara Nova, 1976, pp. 221-233).

⁵ República de Canudos: já houve um movimento social no Brasil que visava independência do nordeste dentro do estado brasileiro no séc. XIX e foi arrasado com muita violência pelas tropas do imperador.

⁶ Bettencourt, Fatima. "A idiossincrasia cabo-verdiana" in *Revista Cultura*, Cabo Verde: Nor print, n. 2, Julho/1998. p.20

⁷ Podemos aqui fazer referência ao texto *Navio Negreiro* de Castro Alves e *Nação Crioula* de Agualusa.

BIBLIOGRAFIA

Bettencourt, Fatima (1998). "A idiossincrasia cabo-verdeana". *Revista Cultura*, n. 2, Julho/98.

Bosi, Alfredo (1936) *História concisa da literatura brasileira*. - 2a ed.. - São Paulo : Editora Cultrix, 1972. - 571 p.

Cabral, Amílcar (1976) *Obras Escolhidas*. Lisboa: Seara Nova. 2 volumes.

Cunha, Euclides da (1925) *Os sertões: campanha de canudos* (8a. ed. Corrigida) Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.

Centro de Pesquisas Literárias. PUCRS. (1989) *Da Abolição à República: a literatura conta a história* Porto Alegre: CPL.EDIPUCRS.

Duarte, Dulce Almada (1998). "Literatura e Identidade: uma abordagem sociocultural". *Revista Cultura*, n. 2, Julho/98.

Fernandes, Florestan (1979) *Mudanças sociais no Brasil*. São Paulo: Difel.

Lima, Antonio Germano (1998). "As partidas da Boavista". *Revista Cultura*, n. 2, Julho/98.

Miranda, Nuno (1985) "As crises de Cabo Verde" *História*. Nº81, Julho, p.22-23

Pereira, Miguel Serras (1975) *Cabo Verde: a independência é só a primeira etapa* Lisboa. Vida Mundial. Pp.10-12

Querido, Jorge (s.d.). *Cabo Verde: subsídios para a história da nossa luta de libertação*. Lisboa: Vega

Ramos, Graciliano (1980). *Vidas Secas*. São Paulo: Atica..

Romano, Luís (1975) *Famintos: romance do povo caboverdiano sob o domínio colonialista*. Lisboa: Publ. Nova Aurora

Cristóvão, Fernando; Ferraz, Maria de Lourdes; Carvalho, Alberto (coord.) (1997) *Nacionalismo e regionalismo nas literaturas lusófonas: actas do II SIMPÓSIO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE LITERATURA SOBRE NACIONALISMO E REGIONALISMO*. Org. Institutos de Literatura Portuguesa, de Cultura Brasileira e de Estudos Africanos. Lisboa: Cosmos

Tavares, Ana Paula. (2001) *Dizes-me coisas amargas como frutos*, Lisboa: Caminho

Vila, Marco António (2000) *Vida e morte no sertão: história das secas no Nordeste nos séculos XIX e XX*. São Paulo: Ática